

## **ALVES, JOSÉ DE PAULA RODRIGUES**

\*diplomata; emb. Bras. Paraguai 1921-1922 e 1924-1926; emb. Bras. Argentina 1926-1930; emb. Bras. Chile 1931-1935; emb. Bras. Argentina 1938-1944.

*José de Paula Rodrigues Alves* nasceu em Guaratinguetá (SP) no dia 16 de outubro de 1883, filho de Francisco de Paula Rodrigues Alves e de Ana Guilhermina Rodrigues Alves, ambos pertencentes a famílias de grandes plantadores e comerciantes de café em São Paulo. Seu pai foi deputado durante o Império, constituinte em 1891, senador, ministro da Fazenda nos governos de Floriano Peixoto e Prudente de Morais, três vezes presidente de São Paulo (1887-1888, 1900-1902 e 1912-1916) e presidente da República de 1902 a 1906. Novamente eleito para a chefia da nação em 1918, não pôde tomar posse em virtude da enfermidade que o acometeu, vindo a falecer em janeiro de 1919. Sua mãe era filha de José Martiniano de Oliveira Borges, visconde de Guaratinguetá. Dois dos seus sete irmãos, Francisco de Paula e Oscar Rodrigues Alves, atuaram na política, tendo o último sido deputado por São Paulo à Assembleia Nacional Constituinte de 1934.

José de Paula frequentou o Colégio Militar do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e obteve em 1900 o diploma de engenheiro geógrafo. Matriculou-se em seguida na Faculdade de Direito de São Paulo, participando em meados de 1902, junto com Antônio Carlos de Sales Júnior e Pedro Odilon do Nascimento, da redação de *A Época*, órgão do Círculo Jurídico Acadêmico. Concluiu seus estudos universitários em 1905.

No ano seguinte ingressou na carreira diplomática, atuando como secretário da III Conferência Pan-Americana, realizada em julho no Rio de Janeiro. Promovido a segundo-secretário em novembro, foi removido para Haia, na Holanda, e aí serviu entre junho de 1907 e março de 1908. Foi então transferido para a embaixada brasileira em Londres e permaneceu nesse posto durante quase cinco anos, período em que também participou, como secretário da delegação brasileira, das festas comemorativas do cinquentenário da unificação italiana, realizadas em março de 1911.

Em maio de 1913 foi promovido a primeiro-secretário e destacado para Buenos Aires, onde chegou em setembro e ficou até junho de 1915. Nesse intervalo, assumiu duas vezes a chefia da embaixada como encarregado de negócios – a primeira no mês seguinte à sua chegada e a segunda entre dezembro de 1913 e abril de 1915 – e foi promovido, em outubro de 1914, a conselheiro da carreira diplomática, posto equivalente ao de ministro-conselheiro na atual escala hierárquica do Itamarati.

Sua missão seguinte, iniciada em março de 1916, foi a chefia da embaixada brasileira em Estocolmo, que exerceu, como encarregado de negócios, até dezembro do ano seguinte. Promovido duas vezes por merecimento, passou a ministro-residente a partir de julho de 1917, tornando-se, em junho do ano seguinte, embaixador extraordinário e ministro plenipotenciário. Deixou a Suécia em setembro de 1918, cerca de dois meses antes da data prevista para o início do novo mandato de seu pai na presidência da República. De volta ao Brasil, foi incumbido por ele de convidar Afrânio de Melo Franco para a pasta da Viação no ministério que estava organizando, mas a grave enfermidade e o subsequente falecimento do presidente eleito mudaram o rumo dos acontecimentos.

José de Paula Rodrigues Alves permaneceu mais de um ano afastado das atividades

diplomáticas, em gozo de férias e licença, só retornando em junho de 1920, quando assumiu a embaixada brasileira em Pequim, por um ano. Entre dezembro de 1921 e agosto de 1922 chefiou a representação diplomática do Brasil no Paraguai, e em seguida retornou ao Rio de Janeiro.

Em abril e maio de 1923, integrou a delegação brasileira que, sob a chefia de Afrânio de Melo Franco, participou da V Conferência Pan-Americana, realizada em Santiago. Nesse encontro – o primeiro do gênero depois do fim da Primeira Guerra Mundial – a questão do desarmamento suscitou intensas divergências entre o Brasil e a Argentina, que, apoiada inicialmente pelo Chile, propunha a redução das despesas militares em igual proporção para todos os países do continente, medida considerada inaceitável pelo governo de Artur Bernardes. Rodrigues Alves, representante brasileiro na Comissão de Armamento, participou intensamente desses debates. Apesar das diferentes fórmulas conciliatórias propostas pelos Estados Unidos, Chile e Honduras, não foi possível dar um caráter resolutivo ao texto final da conferência, cujas conclusões se mantiveram no terreno das recomendações.

Rodrigues Alves serviu na sede do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro até 1924, ano em que reassumiu a chefia da embaixada no Paraguai. Em dezembro de 1925, no desempenho dessa função, foi promovido a embaixador, continuando em Assunção até janeiro de 1926. Em agosto desse ano, assumiu em caráter efetivo o posto de embaixador na Argentina, onde permaneceu até novembro de 1930. Foi então colocado em disponibilidade por ato do governo provisório oriundo da revolução que derrubara no mês anterior o governo de Washington Luís e procurava afastar dos cargos públicos os servidores do antigo regime. A chefia da embaixada em Buenos Aires foi entregue inicialmente a um encarregado de negócios, Rubens Dunham, sendo depois ocupada por Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Em pouco tempo, porém, Rodrigues Alves retornou à atividade, sendo nomeado embaixador em Santiago. Permaneceu nesse posto entre julho de 1931 e abril de 1935, recebendo em seguida a missão de chefiar a delegação brasileira à conferência internacional que em junho obteve a assinatura de um armistício entre Bolívia e Paraguai, pondo fim à Guerra do Chaco. O tratado final de paz, entretanto, só foi assinado em julho de 1938, baseado em um laudo arbitral formulado pelos Estados Unidos, Argentina, Brasil, Chile, Peru e Uruguai, que garantiu ao Paraguai a posse da maior parte da região disputada.

Em dezembro de 1936, Rodrigues Alves chefiou a delegação brasileira à Conferência Interamericana de Consolidação da Paz, realizada em Buenos Aires. Com a presença de José Carlos de Macedo Soares, ministro das Relações Exteriores, e Osvaldo Aranha, embaixador nos Estados Unidos, o conclave aprovou declaração de princípios sobre cooperação interamericana e de solidariedade contra a guerra ou ameaça de guerra, além de assinar um protocolo de não intervenção de um país nos assuntos internos do outro, pondo fim, do ponto de vista legal, a um longo período de intervenções armadas no continente.

Em julho de 1938, assumiu mais uma vez a chefia da missão brasileira em Buenos Aires. Nesse posto, desempenhou relevante papel durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente a partir da definição brasileira em favor dos Aliados, que não correspondia à posição de neutralidade assumida pelo governo argentino, então envolvido em um surto de

movimentos nacionalistas e simpatizantes do Eixo.

Rodrigues Alves foi secretário-geral da III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada no Rio de Janeiro entre 15 e 28 de janeiro de 1942 sob a presidência do chanceler brasileiro Osvaldo Aranha. Nesse encontro, a posição defendida pela Argentina impediu que se obtivesse a ruptura coletiva de relações diplomáticas com os países do Eixo, alcançando-se tão-somente recomendação nesse sentido. Levada à prática pelo Brasil no próprio dia de encerramento do conclave, essa recomendação só não foi adotada pela Argentina e o Chile, que permaneceram neutros.

As relações brasileiro-argentinas, historicamente delicadas, tornaram-se mais difíceis a partir da divergência das posições adotadas pelos dois países diante da conflagração mundial, o que gerou sucessivas ondas de boatos sobre movimentos de tropas na fronteira. Nesse período, Rodrigues Alves reiterou diversas vezes em seus comunicados ao governo de Vargas a importância de o Brasil reforçar seus contingentes militares estacionados na região limítrofe, ao mesmo tempo que, em contato direto com os chefes das forças armadas argentinas, buscava evitar um acirramento dos conflitos fronteiriços.

Depois da ascensão do general Pedro Ramirez ao poder em junho de 1943, Rodrigues Alves teve intensa participação nos esforços desenvolvidos pelo Brasil e os Estados Unidos no sentido de modificar a posição argentina, o que foi efetivamente alcançado em janeiro de 1944, quando esse país também rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo. Entretanto, essa decisão desagradou a militares nacionalistas que, organizados em torno do Grupo de Oficiais Unidos (GOU), forçaram a renúncia de Ramirez e empossaram o general Edelmiro Farrel na presidência da Argentina.

Nessa ocasião, as avaliações feitas pelo embaixador Rodrigues Alves e pelo chanceler Osvaldo Aranha não coincidiram. O ministro manifestou-se profundamente alarmado com os novos rumos da política argentina, dirigida, segundo ele, por “um movimento nacionalista militar dos mais perigosos para a nossa segurança e para a paz da América”. Rodrigues Alves, entretanto, acreditava que a situação evoluiria favoravelmente aos interesses brasileiros caso o general Juan Domingo Perón, novo ministro da Guerra, conseguisse manter sob controle a ala mais radical do Exército argentino.

Rodrigues Alves não pôde acompanhar a evolução desses acontecimentos e a precisão de seus prognósticos. No dia 6 de maio de 1944 faleceu em Buenos Aires, em pleno exercício do cargo. Seu corpo foi transportado para o Rio de Janeiro pelo cruzador *La Argentina*.

Foi casado com Antônia Lopes Esteves Rodrigues Alves.

Publicou discursos, estudos e conferências sobre história diplomática. Foi membro da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Junta de História e Numismática Americana de Buenos Aires.

*Paulo Brandi*

FONTES:

*Almanaque Abril*; ARQ. GETÚLIO VARGAS; ARQ. OSVALDO ARANHA;  
BANDEIRA, L. *Presença*; BARBOSA, F. *Retratos*; CASTRO, P.  
*Subdesenvolvimento*; *Efemérides paulistas*; FRANCO, A. *Estadista*; *Grande encic.  
Delta*; GUIMARÃES, A. *Dic.*; INST. HIST. GEOG. BRAS.; *Jornal do Brasil*  
(7/5/44); LEITE, A. *História*; MELO, L. *Dicionário*; MIN. REL. EXT. *Almanaque*  
(1945); MIN. REL. EXT. *Anuário* (1943); *Novo dicionário de história*; SILVA, H.  
1937; SILVA, H. 1938; SILVA, H. 1939; SILVA, H. 1942; TÁVORA, J. *Vida*.